Mídia e Desenvolvimento Sustentável.
Proposta de um método para a análise da cobertura de questões ambientais [1]

Clóvis REIS [2]
Michel Imme SABBAGH [3]
Yanet REIMONDO BARRIOS [4]
Universidade Regional de Blumenau (FURB), SC

Resumo

Nos últimos anos, a promoção do conceito de desenvolvimento sustentável tornou-se uma das questões fundamentais nas discussões tanto da esfera pública quanto da pauta midiática. Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é propor um modelo metodológico no qual as implicações da cobertura da mídia em relação ao conceito de desenvolvimento sustentável possam ser capturadas e analisadas. O modelo proposto combina procedimentos que incluem a classificação dos conteúdos em Gêneros Jornalísticos e a criação de categorias e variáveis a partir das dimensões do desenvolvimento sustentável de Sachs (2002). A análise é baseada em dados primários coletados da cobertura das Conferências Ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, 1992, 2002 e 2012 pelo Jornal da Santa Catarina. O resultado pode servir como referência para análise de outros documentos na área.

Palavras-chave: mídia; desenvolvimento sustentável; Jornal de Santa Catarina.

Introdução

Há pouco mais de meio século, a preocupação com o esgotamento dos recursos do planeta e a busca de alternativas para que os recursos naturais não sejam devastados por uma escala de produção avassaladora, se tornaram pauta nos debates políticos e científicos mundiais. Ao analisar o padrão atual de desenvolvimento, Ignacy Sachs (1993) identifica sinais incontestáveis de insustentabilidade, expressa na degradação ambiental e nas desigualdades sociais. O autor alerta que as transformações necessárias supõem a

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Comunicação, professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: professorclovisreis@gmail.com

[3] Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB, assessor de imprensa da Universidade Regional de Blumenau (FURB), e-mail: jornalista40@yahoo.com.br

[4] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil. Bolsista PEC-PG do CNPq. E-mail: yanet.barrios89@gmail.com

existência de um movimento multissetorial e global, capaz de mudar os principais eixos civilizatórios da sociedade contemporânea.

Os debates acerca do atual modelo, socialmente injusto e ambientalmente devastador, emergem da valorização da consciência ecológica com o propósito de garantir a sobrevivência das gerações futuras. Neste contexto, Sachs (1993) reelabora o conceito de desenvolvimento sustentável, também chamado de ecodesenvolvimento, como um estilo de desenvolvimento orientado pela busca de autonomia e pela satisfação prioritária das necessidades básicas das populações envolvidas. Ele considera vital planejar eficientemente o padrão de desenvolvimento, para formular cinco dimensões da sustentabilidade: a ecológica, a social, a econômica, a espacial e a cultural. Este olhar transdisciplinar propõe que o atual modelo de desenvolvimento deve ser substituído gradualmente por outro que contemple estas cinco questões - ou oito (Sachs, 2002) -, o que implicaria profundas mudanças em todos os setores e níveis sociais.

Segundo Born (2000), para haver maior pressão social e política em torno do tema será necessário garantir ao público, por meio da mídia, o acesso à informação. Isso permitirá construir novas formas de compreensão de como obter crescimento garantindo os recursos e considerando aspectos sociais em suas práticas. Para Novaes (2005), só a comunicação pode retirar as questões ambientais do "gueto em que estão colocadas" e levar a sociedade a entender o impacto das suas ações. Esse ponto de vista resgata uma discussão antiga sobre o papel da comunicação de massa: informar, educar, entreter, persuadir, promover a integração individual e coletiva, na realização do bem-estar social (BELTRÃO,1992).

Para Boff (1999) o que presenciamos é uma cobertura viciada numa ética que não é do cuidado, nem a da responsabilidade. Bueno (2012) indica que a cobertura da mídia relacionada com as questões de sustentabilidade e o meio ambiente não mantém uma frequência compatível com a sua importância, e parece não ter competência do papel que desempenha ou disposição para exercê-lo.

Tendo em conta os elementos anteriormente expostos, o presente trabalho busca propor um modelo metodológico no qual as implicações da cobertura da mídia em relação ao conceito de desenvolvimento sustentável possam ser capturadas e analisadas, e que sirva como referência para análise de outros documentos na área. O trabalho apresenta um estudo de caso -"A cobertura das Conferências Ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, 1992, 2002 e 2012 pelo Jornal da Santa Catarina.

Marco teórico

Segundo Barkemeyer e Holt (2012), nas últimas décadas houve uma mudança na maneira como o público percebe as questões ambientais e os conceitos associados ao desenvolvimento sustentável. Os debates político/intelectual: Conferência de Estocolmo (1972); Relatório *Brundtland* (1987); Conferência Eco/Rio (1992); Protocolo de Kyoto (1997); Conferência de Johannesburgo (2002); e acadêmico: Sachs (1993, 2002, 2007); Lélé (1991); Boff (1999); Leff (2002), entre outros, consolidam tal afirmação. Para Szerszyski et al. (2000), a mídia desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do discurso público sobre estes temas. Ela molda a cidadania e pode promover a formação de um senso de conexão global. Este aspecto é também comentado por Givel (2006), que destaca o papel da mídia na promoção de mudanças de comportamento e na orientação da atenção do público para uma preocupação específica.

Sobre o assunto, Mazur e Lee (1993) afirmam que o efeito mais amplamente aceito dos meios de comunicação sobre a opinião pública é a definição da agenda, ou seja, a colocação de certas questões ou problemas na mente pública. Esta hipótese foi originalmente formulada por Cohen (1963), que sugeriu que embora a imprensa, na maior parte das vezes, possa não ser bem-sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é consideravelmente eficaz ao dizer a sua audiência sobre o que pensar. Dessa forma, as pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui de seu próprio conteúdo (SHAW, 1979). Nesse sentido, a comunicação moderna modifica não a penas a transmissão das formas simbólicas, mas também as próprias formas de interação social (GIDDENS, 2002).

Mídia e desenvolvimento sustentável parecem se encontrar num momento crítico da história: o da crise dos modelos de desenvolvimento com altos valores de produção e consumo, o da exploração sem limites dos recursos naturais, e o do fenômeno das redes sociais. É nesse contexto que se impõe como missão da mídia a promoção do conceito de desenvolvimento sustentável.

Apesar de toda a divulgação das quatro principais conferências ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, 1992, 2002 e 2012, instituições internacionais apontam a existência de um vazio informativo sobre o conceito sistêmico de desenvolvimento sustentável. Segundo a organização Liderança para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (LEAD, 2001), os preparativos para a cúpula de Johannesburgo/2002 e os assuntos relacionados ao desenvolvimento sustentável não foram objeto de atenção

da mídia nem do debate interno nos Estados Unidos. Superficialidade e desequilíbrio no enquadramento das principais dimensões da sustentabilidade (social, econômica, ecológica, espacial, cultural e política) têm caraterizado de maneira geral a cobertura da imprensa em torno ao tema.

Sobre a falta de cobertura dos meios de comunicação social nas questões de sustentabilidade, a Rede Cidadã[5] indica que este fenômeno tem como base a ênfase excessiva dos interesses políticos na economia, a influência do setor industrial, e o apoio da publicidade em massa e o marketing do consumismo. Tais elementos contribuem à falta de sensibilização do público sobre o desenvolvimento sustentável e à pouca consciência pública.

Como o desenvolvimento sustentável exige uma mudança complexa e de longo prazo, Oepen e Hamacher (2000) consideram a falta de entendimento da sociedade quanto à razão de ser dessa mudança, como sinal de um problema fundamental na comunicação. Isto vem ao encontro de Barry (2003) que aponta que o foco na comunicação sobre sustentabilidade é essencial para fazer a alteração necessária de um discurso de elites a um discurso mais aberto e acessível à comunidade.

Os resultados aqui apresentados são parte de uma investigação mais ampla conduzida no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos Midiáticos Regionais – Linha de pesquisa Mídia e Desenvolvimento Regional, da qual resultou uma dissertação de mestrado, inspirada nos pressupostos de Lubetkin (2005), quem constata que haveria um vazio informativo na imprensa sobre o conceito mais amplo do modelo de desenvolvimento sustentável.

Metodologia

Percebendo que a mídia pode influenciar a percepção e o entendimento do público sobre questões relacionadas com o desenvolvimento sustentável, buscou-se uma compreensão da sua abordagem na cobertura das Conferências Ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, 1992, 2002 e 2012 pelo Jornal da Santa Catarina. Assim, este artigo apresenta a partir de agora, amparado no método da análise morfológica e de conteúdo, o modelo projetado para a coleta de dados. Os procedimentos realizados no estágio geral do processo de construção do modelo são: a classificação dos

[5] A Rede Cidadã para o Desenvolvimento Sustentável - ou CitNet (*Citizen Network*) - é uma rede sem fins lucrativos, que reúne organizações, comunidades e indivíduos que trabalham no desenvolvimento sustentável nos Estados Unidos. (Fonte: LEAD, 2001)

conteúdos em Gêneros Jornalísticos para entender de que forma são publicados pelo Jornal de Santa Catarina e, posteriormente, a criação de categorias e variáveis, a partir das dimensões do Sachs (2002) com o fim de analisar a relação do conceito de desenvolvimento sustentável divulgado pela imprensa, em particular pelo JSC, objeto do estudo de caso.

Para a análise morfológica e de conteúdo, foram adotados alguns conceitos seguindo a metodologia proposta por Melo (1972) e alguns critérios utilizados por Bardin (2010).

O critério de seleção das notícias sobre o evento partiu de coletar e ler todos os jornais, página por página, não só durante o período de realização das conferências, mas num espaço anterior e posterior que, no total, deveria somar 30 dias de análise para extrair textos publicados sobre cada um dos quatro eventos ambientais da ONU (1972, 1992, 2002 e 2012). Todas as notícias foram lidas, fotografadas, digitadas e digitalizadas para separar os textos vinculados às conferências (SABBAGH, 2014).

A pesquisa fez um recorte histórico de 40 anos (1972-2012) na composição da amostra. Foram coletadas 11 matérias da primeira Conferência Mundial da ONU sobre Homem e o Meio Ambiente em Estocolmo em 1972. O mesmo procedimento de coleta e classificação ocorreu com as coleções de 1992, onde foi possível coletar 35 textos sobre a ECO-92, no Rio de Janeiro. Na cúpula de Johanesburgo, em 2002, o levantamento recolheu 12 matérias; e na quarta conferência, em 2012 e novamente no Rio de Janeiro, a investigação coletou 25 textos. Todos os 83 textos foram fotografados e digitados, com exceção das 25 matérias de 2012, fornecidas no modelo digital pela Redação do Jornal de Santa Catarina.

Os 83 textos coletados foram classificados em categorias extraídas dos Gêneros Jornalísticos que interessavam à investigação: data da matéria; títulos das matérias; editoria (seção) em que foram publicadas e o número da página; se houve citação de fontes oficiais e/ou extraoficiais; o tamanho de cada texto; se era fruto de produção da redação local do JSC, sucursais do veículo ou contratado de agências de notícias externas (nacionais e internacionais); se havia foto, ilustração ou charge; se era texto noticioso, uma coluna assinada ou mesmo uma opinião do jornal (os editoriais); se a matéria era resultado de alguma repercussão local vinculada à conferência; e por fim, se o texto foi contemplado com chamada de capa (SABBAGH, 2014).

Depois das categorizações dos Gêneros Jornalísticos passou-se para a etapa da análise da relação do conceito de desenvolvimento sustentável divulgado pelo “Santa” a

partir das dimensões propostas por Sachs (2002). Foram selecionados os vocábulos mais frequentes relacionados com o marco teórico da sustentabilidade, e aquelas palavras fundamentais para compor os quadros que mediram presenças ou ausências das 60 palavras-chave definidas ao longo das quatro conferências. Com a ajuda do software QSR NVivo, foram analisadas as palavras mais frequentes em cada conferência e que tivessem ligação direta com o marco teórico da pesquisa. Esse sistema oferece vários recursos de pesquisa para reunir, organizar e contar textos e palavras com o fim de proceder à análise de conteúdo. O sistema tem a vantagem de permitir justificar as descobertas com rigor científico, armazenando ou exportando dados e imagens do objeto pesquisado para salvar em arquivos do computador (SABBAGH, 2014).

Nesse sentido, rivalizam em destaque as palavras mais frequentes na amostra geral: ambiental (com 69 textos e 206 citações, ocupando 83% dos 83 textos da amostra); meio-ambiente (com 57 textos e 120 citações, ocupando 60%); desenvolvimento (com 52 textos e 132 citações, ocupando 62%) e desenvolvimento sustentável (com 34 textos e 60 citações, que participou em 40% dos textos da amostra de 83 textos). “Preservação”, “energia” e “biodiversidade” ganham força dentro da análise. Outro elemento a destacar é que, corroborando o marco teórico e os demais levantamentos de dados da pesquisa, as dimensões cultural, espacial e social perdem em destaque contra as dimensões ecológica, econômica e política.

Cada uma das dimensões da sustentabilidade propostas por Sachs (2002) foi relacionada com as palavras-chave selecionadas. A ideia foi entender como a imprensa (JSC) pautou a cobertura sobre tais conferências e sobre o conceito de desenvolvimento sustentável. Ou seja, as palavras-chave e as nuvens de palavras ajudaram a construir pistas sobre a forma como foram editadas as publicações jornalísticas em determinados momentos da história, nos quais o jornal teve participação como difusor dos fatos e dos discursos de cada época, em 1972, 1992, 2002 e 2012, seja com sua própria produção ou de agências de notícias contratadas. Realizada a codificação, passou-se à contabilização e apresentação dos resultados.

Caso do estudo

Incorporado ao Grupo RBS em 1992, o Jornal de Santa Catarina nasceu em 21 setembro de 1971, há 46 anos. Abrange 54 municípios da Região dos Vales – que corresponde a um terço da economia e potencial de consumo do Estado.

Resultados

Depois de ter discutido questões teóricas, conceituais e operacionais, apresenta-se a seguir os resultados da pesquisa empírica tendo como base o modelo proposto. Para este fim, serão expostos em duas seções: a classificação dos conteúdos em Gêneros Jornalísticos e, posteriormente, as categorias e variáveis relacionadas com as dimensões da sustentabilidade.

a) Gêneros jornalísticos

A Tabela 1 apresenta o conteúdo publicado pelo JSC entre notícias, colunas assinadas e editoriais sobre as conferências ambientais da ONU. Tais dados revelam a falta de uma pauta regular e de repercussão regional/local sobre o assunto, e até descompromisso editorial em ampliar o debate público de temas de grande interesse. Chama atenção o fato negativo de que apenas na Eco/92 o Santa ter publicado chamadas na capa principal, a primeira página e vitrine do jornal para seus leitores e para onde são selecionados títulos, textos e fotos que destaquem a força de atração do conteúdo interno de jornal. Na média, 75% das matérias foram escritas com base em fontes oficiais do evento, revelando uma cobertura protocolar e até descompromisso com a agenda ambiental plural. A cobertura se poderia ampliar com entrevistas e apresentações de fontes extraoficiais e da própria comunidade, das universidades, dos pesquisadores, representantes de entidades sociais, e organizações não governamentais.

No que se refere ao texto noticioso, o Santa utilizou dois terços de matérias de agências contratadas (66,29%) do que textos próprios de sua redação (33,71%), para divulgar as quatro conferências da ONU. O 66,2% dos textos publicados são notícias (55 de 83 textos da amostra); 25,3% são colunas assinadas (21 de 83 textos) e apenas 8,43% revelaram a opinião do jornal (07 de 83 textos). Ou seja, levando-se em conta as quatro conferências, o 66,2% foi de texto noticioso e 33,7% de texto opinativo. Um terço dos 83 textos recebeu imagem do evento ou de produção local/arquivo. Por fim, e não menos importante, um dado revela a baixa repercussão em termos de notícias locais, do Vale do Itajaí, daqueles temas discutidos nas conferências. Traduzindo em números, a repercussão local ocorreu em apenas 18 dos 83 textos (15,38%), ou seja, 84,62% dos textos da amostra não citaram a realidade local nas conferências ambientais.

Ao invés disso, o jornal optou pela reprodução preponderante de notícias nacionais e internacionais (66,29%) sobre as conferências ambientais da ONU.

Tabela 1. Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente – 1972 – 1992 -2002 – 2012 – Gêneros Jornalísticos

Ano das matérias	**Editorias utilizadas**	**Citação fontes oficiais evento**	**Fontes não oficiais (pop.)**	**Tamanho (linhas, título e fonte igual)**	**Agência de notícias contratada**	**Tem foto/ Ilustração / charge**	**Texto é noticioso**	**Coluna/ artigo assinado**	**Opinião do jornal (Editorial)**	**Repercussão de problema ambiental da Região ou SC**	**Chamada na capa principal**
1972 11 textos	01 Nacional 10 Internacional	sim 100%	não 100%	163 linhas	sim 100%	1 sim 9,09% 10 não 90,90%	sim 100%	não 100%	não 100%	não 100%	não 100%
1992 35 textos	11 Economia 12 Geral 02 Blumenau 02 Rio do Sul 02 Internacional 06 outros	22 sim 62,85% 13 não 37,14%	12 sim 34,28% 23 não 65,71%	1.215 Linhas em 35 textos	22 sim 62,85% 13 não 37,14%	19 sim (06 selos) 54,28% 16 não 45,71%	23 sim 65,71% 12 não 34,28%	12 sim 34,28% 23 não 65,71%	não 100%	13 sim 37.14% 22 não 62,85%	05 sim 14,28% 30 não 85,72%
2002 12 textos	03 Editorial 04 Economia 02 Mundo/Intern 01 Política	10 sim 83,33% 02 não 16,66%	04 sim 33,33% 08 não 66,66%	576 linhas	07 sim 58,33% 05 não 41,66%	06 sim 50% 06 não 50%	08 sim 66,66% 04 não 33,33%	04 sim 33,33% 08 não 66,66%	03 sim 25% 09 não 75%	01 sim 8,33% 11 não 91,66%	não 100%
2012 25 textos	03 Economia 10 Política 08 Colunas 04 Opinão RBS	18 sim 72% 07 não 28%	08 sim 32% 17 não 68%	1.248 linhas	11 sim 44% 14 não 56%	10 sim 40% 15 não 60%	13 sim 52% 12 não 48%	08 sim 32% 17 não 68%	04 sim 16% 21 não 84%	04 sim 16% 21 não 84%	não 100%
Médias do total de 83 textos	18 Economia (11 colunas Joelmir Beting) 14 Internacional 12 Geral 11 Política 07 Editorial 08 Colunas	sim 79,54% Não 20,45%	não 75,09% Sim 24,91%	3.202 linhas de texto	66,29% Sim Não 33,71%	Sim 38,34% Não 61,66%	55 sim 66,26% 28 não 33,73%	21 sim 25,31% 62 Não 74,69%	07 sim 8,43% não 89,75	18 sim 15,37% 65 não 84,62%	05 sim 3,57% 30 não 96,43%

Fonte: Elaboração própria (2017)

b) Dimensões da sustentabilidade

Para o segundo momento da análise da cobertura do Santa e da imprensa, em relação às quatro Conferências Ambientais da ONU, a pesquisa selecionou 25 palavras-chave para cada uma das seis Dimensões da Sustentabilidade (150 no total), produzindo uma média aritmética (Figura 1). Desta forma foi possível medir o peso e a distribuição do conteúdo jornalístico sobre cada dimensão individualmente.

Figura 1. Nuvem de 500 palavras plenas das Conferências Ambientais da ONU de 1972, 1992, 2002 e 2012
Fonte: QSR NVivo

Em primeiro lugar, apareceu a dimensão Ecológica/ambiental, com 736 referências e 29,4 de média. Depois vem a dimensão Econômica, com 9,2 de média ponderada, seguida das dimensões Política (média de 8,52); Social (4,7); Espacial (2,92) e, em último lugar, a Cultural, com a pior média ponderada de citações no jornal (0,32). Estes dados refletem não só a postura do Santa em suas divulgações jornalísticas sobre as Conferências Ambientais da ONU, como também da imprensa brasileira e internacional. Enfatizado isso, pode-se continuar com a análise crítica do resultado de cada dimensão da sustentabilidade no JSC. Importante apontar que, independente do resultado, é possível perceber quais são as palavras frequentes, as pouco citadas e as não citadas. Este último

grupo integra o discurso do "não dito" pela imprensa, que também pode ser levado em conta para esta e futuras pesquisas.

Começando pela dimensão econômica, com 230 referências, "indústrias/empresas/fábricas" foi uma palavra composta que recebeu impressionantes 45 citações nos textos; seguida de "economia" (29); "desenvolvimento econômico" (23); "econômica" (15); e "economia verde" (11). Nove das palavras-chave quase não tiveram menção na cobertura das conferências. Pode-se inferir que a imprensa ignora ou bloqueia as discussões relacionadas com "sustentabilidade econômica"; "modernização industrial"; "tecnologias sustentáveis"; "marketing verde"; "obsolescência programada"; "reciclagem"; "padrão de consumo"; e "tecnologias limpas".

Na dimensão ecológica/ambiental, com 736 referências, as palavras mais citadas foram "meio ambiente/ambiental" (326); "preservação/preservar/proteção" (64); "água em geral" (56); "planeta" (55); "natureza" (35); "biodiversidade" (30); "poluição/poluentes" (28); e "ecológica/ecologia" (25). Além disso, foi possível observar como a pauta do JSC foi pobre ou protocolar na divulgação de temas como "sustentabilidade ecológica"; "bem-estar ambiental"; "degradação"; "ecossistemas"; "impactos ambientais"; "regeneração"; "aquecimento global"; "ar"; "espécies ameaçadas"; e "mudanças climáticas", palavras-chave que quase não foram citadas.

Terceira melhor colocada no ranking de dimensões mais citadas pela imprensa, a dimensão política teve 213 referências nas suas palavras-chave afins e uma média 8,52. Aquelas com mais ocorrências foram: "desenvolvimento sustentável" (62); "países ricos" (42); "países pobres" (31); "sustentabilidade" (20); "fórum global" (15); "responsabilidade comum global". Aqui, a palavra "desenvolvimento sustentável" merece ser bem explicada na sua pontuação: 24 citações referem-se ao nome das cúpulas de 2002 e 2012. São meras citações institucionais, o que reduziria o resultado da palavra-chave para 38 ocorrências. As palavras "igualdade" e "política social" não foram citadas nenhuma vez nos 83 textos.

Na dimensão social, com 118 referências, foi possível observar que o JSC e a imprensa em geral não discutem temas relacionados com "sustentabilidade social", "abismo social", "cidadania", "dignidade social", "qualificação", "acesso à internet", "informática", sete palavras-chave que não foram mencionadas nenhuma vez. Entre as restantes 18 palavras-chave, foram citadas com maior frequência "qualidade de vida" (12); "educação" (16); "pobreza" (21 citações) e "fome" (23). A julgar pelos resultados,

a imprensa ainda explora pouco ou nada algumas questões cruciais para um desenvolvimento sustentável mais igualitário e justo.

Com relação à dimensão espacial, com 73 referências, o Santa ignorou praticamente todas as palavras-chave. As mais citadas foram: "região/regionais" (21); "população" (17); "território" (8); "habitantes" (7); "crescimento demográfico/populacional" (6); "incentivo/desenvolvimento regional" (4); "áreas urbanas" (3); "planejamento/espaço urbano" (2). A situação na dimensão cultural é ainda mais sofrível, com somente oito (8) referências. Das 25 palavras-chave afins, 19 não receberam nenhuma citação do JSC durante a cobertura das quatro Conferências da ONU. A mais citada foi "cultura", com três ocorrências. As restantes cinco palavras receberam apenas uma citação: "experiência local"; "diversidade cultural"; "cultura nativa"; "integração racial"; "agricultura familiar".

É possível concluir a análise destacando alguns pontos sobre a pontuação das seis Dimensões da Sustentabilidade. Das 44 palavras-chave que não foram citadas pelo Santa, 38 delas (86,3%) pertencem às dimensões Cultural (19), Espacial (12), e a Social (7). As dimensões mais prestigiadas pelo JSC foram a Ecológica/Ambiental (com apenas duas citações zero), a Econômica (com uma palavra-chave não citada nos textos), e a Política (com apenas três palavras sem retorno).

O debate sobre estas dimensões é importante. A dimensão cultural propõe a busca das raízes endógenas dos modelos de modernização, e o equilíbrio entre respeito à tradição e inovação, com capacidade de autonomia para um projeto nacional integrado (SACHS, 2002). A dimensão espacial busca promover uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos e atividades econômicas. Mas, lamentavelmente, estas questões foram ignoradas pelo jornal durante as conferências. A sustentabilidade social mereceria estar no topo das preocupações e da agenda da imprensa pois, segundo Sachs (1993), está relacionada com a criação de um processo de desenvolvimento civilizatório baseado nos sujeitos, uma maior equidade na distribuição de renda, nos direitos e nas condições da população, e em reduzir a distância entre os padrões de vida dos mais ricos e mais pobres.

Considerações finais

O foco central deste artigo buscou propor um modelo metodológico no qual as implicações da cobertura da mídia em relação ao conceito de desenvolvimento sustentável possam ser capturadas e analisadas. Se apresentou um estudo de caso sobre a cobertura

das Conferências Ambientais da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1972, 1992, 2002 e 2012 pelo Jornal da Santa Catarina. Dessa forma, se procurou refletir como a mídia evoluiu no tratamento do conceito de desenvolvimento sustentável e como poderia avançar no entendimento das dimensões e na necessidade do debate permanente sobre tais questões.

Em termos gerais, se evidenciou um vazio informativo na cobertura noticiosa destes eventos. O estudo apontou que o Jornal de Santa Catarina divulga de maneira superficial e protocolar o conceito de desenvolvimento sustentável, concentrando-se especialmente em informações oficiais e na reprodução de notícias de agências nacionais e internacionais. A falta de profundidade, escopo, interação com atores locais e pautas conectadas com a realidade local, sinalizaram a necessidade do aprofundamento dos conhecimentos e o debate público sobre o tema. Isto constituiu, sem dúvidas, um obstáculo para a consolidação do conceito de desenvolvimento sustentável na região. O Santa é só um exemplo. De forma geral, os modelos de negócios em mídia buscam conteúdo popular e lamentavelmente, as histórias de sustentabilidade não são (Weingart et al., 2000).

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, C. Missing the 'Big Story' in Environment Coverage. **Nieman Reports**, v. 56, n. 4, p. 45-47, 2002.

ASEF (Asia-Europe Foundation). Sustainable Development reporting for Journalists. **ASEF Media Handbook**. 9th ASEF Journalists`Colloquium. India, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARKEMEYER, Ralf; e HOLT, Diane. Media coverage of sustainable development issues – attention cycles or punctuated equilibrium. **Sustainable Development**, v. 20, no. 1, p. 1-17, 2012.

BARRY, J. Communicating a Politics of Sustainable Development. In: **Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS)**. Oxford: UNESCO, 2003. Disponível em: www.eolss.net. Acesso em: fev. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo Clássicos do Jornalismo Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: USP, 1992.

BOFF, L. **Saber Cuidar**: ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUENO, Wilson. Jornalismo ambiental e transparência corporativa: o marketing verde como estratégia de mistificação. Ação Midiática, **Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/26426 Acesso em: fev. 2017.

_____. **A imprensa pós-Rio + 20**. Entrevista ao portal revistapontocom. Disponível:<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/a-imprensa-posrio20.> 2012. Acesso em: fev, 2017.

COHEN, B. C. **The Press and Foreign Policy**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

FREY, Klaus. O papel da imprensa na política ambiental. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: EDUFSC, out. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25266> Acesso em: fev. 2017.

GIVEL, M. Punctuated equilibrium in limbo: The tobacco lobby and US state policymaking from 1990 to 2003. **Policy Studies Journal**, v. 34, n.3, p. 405-418, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEAD (Leadership for Environment and Development). **Roads to the Summit**. London: Panos, 2001.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÉLÉ, S.M. Sustainable Development: a critical review. **World Development**, v. 19, n. 6, p. 607-621, 1991.

LUBETKIN, Mario. Comunicação: IPS no combate ao vazio informativo. São Paulo: IPS, 2005. Disponível em: http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2005/06/mundo/comunicao-ips-no-combate-ao-vazio-informativo/ Acesso em: fev. 2017.

MAZUR, A., e LEE, J. Sounding the global alarm: Environmental issues in the US national news. **Social Studies of Science**, v. 23, n. 4, p. 681-720, 1993.

NOVAES, Washington. In: TRIGUEIRO, A. (org). **Mundo Sustentável**. Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação (prefácio). Rio de Janeiro: Globo, 2005.

OEPEN, M. e HAMACHER, W. **Communicating the Environment:** Environmental Communication for Sustainable Development. Frankfurt: Peter Lang GmbH. 2000.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder:** a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1992.

SABBAGH, M. I.I. **Comunicação e desenvolvimento sustentável**: Uma análise da cobertura do Jornal de Santa Catarina sobre as Conferências Ambientais da ONU de 1972, 1992, 2002 e 2012. Dissertação PPGDR – FURB, 2014.

SACHS, I. Estratégias de Transição para o século XXI. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. São Paulo: Studio Nobel/FUNDAP, 1993.

_____. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Rumo à Ecossocioeconomia. Teoria e Prática do Desenvolvimento**. Paulo Freire Vieira (org.). São Paulo: Cortez, 2007.

SHAW, E. Agenda-Setting and Mass Conimunication Theory. **International Journal for Mass Communication Studies**, v. 25, n.2, p. 96-105, 1979.

SZERSZYSKI B, et al. Mediating global citizenship. In: Smith J. Earthscan (Ed), **The daily globe environmental change, the public and the media**. London: Joe Smith, p. 97-114, 2000.

WEINGART, P. et al. Risks of Communication: Discourses on Climate Change in Science, Politics, and the Mass Media. **Public Understanding of Science**, v. 9, p. 261-283, 2000.